



S. Paulo 1 de Novembro de 1900

O IRIS

FOLHA LITTERARIA

Redactores: ANDRELINO ASSIS e ALFREDO ASSIS



Anno 2



PUBLICAÇÃO MENSAL



Num. 13

Tiradentes

(21 de Abril)

Salve! Estrella de luz que o barathro clareia
De um passado feroz indigno, maldito!
Em teus hombros, ergueste o Titan de gra-

Salve, heróe dos heróes, encarnação da
Ideial

Neste instante, uma sômbra, alem o olhar
valteia,

Curva, sobre o cairel do abysmo do infi-

E aos quatro ventos, solta um estridente
grito,

Arrancando do pulso uns restos de cadeia

—«Onde as cinzas do filho? onde o espo-

D'esse vulto sem paz que o tempo não
corrôe?

Miserrima só ouço o echo do meu pranto »

Mais eis que o vento sul da triste se condôe,
—»Nas montanhas de alem, ó patria por

Em cada peito, pulsa o coração do heróe!»

Dr. J. C. Gomes Ribeiro

(Inédito)

o nosso anniversario

Precursores do bem, e
nuncios da verdade:
O torpor lhes repugna;
o combate os convida;
Só a lucta os attraí—por-
que a lucta é a vida.

THEOPHILO DIAS

Ha um anno que empunhamos
o facho da Luz, brandindo o la-
tego estrellejado, que ia espada-
nando as sentelhas da Ideia. Ha

um anno que *de onda em onda*
resvala o nosso batel, ora sob um
Luar argivo, em páramos de pe-
rolas, ora com um sól coruscan-
te, escaudando as velas. ora com
o vento impetuoso da procella des-
troçando os mastros...

E, vamos assim em busca
do Paraiso do Sonho, enfrentan-
do as macabras visões que bran-
quejam na treva, rasgando os pés
nas urzes do caminho, ou, como
o gaúcho que rasga vertiginoso
a vastidão do pampa, a briza
nos embala nos seus braços constel-
lados de estrellas, no seu sopro
perfumado de flores, aqui clari-
nando um feito glorioso, ali em-
palledecidos ante o abysmo que
abrindo-se diante, nos attraí.

Mas a flammula rubida, a cu-
jas sombras combatemos, não
treme ante a saraivada, que ru-
ge em tumulto.

Quando em alto mar, as ondas
afastam-se abrindo profundos sor-
vedouros, o céu é negro, e de ins-
tantes a instantes rasgado pelo
relampejar do raio, o marinheiro
indomavel, seguro nos altos cor-
dames do navio, contempla o
chocar dos elementos: com o
riso nos labios, responde ao es-
toirar do raio. Tambem assim fi-
zemos, e conseguimos ancorar es-
se navio que dirigimos ao primei-
ro porto de sua Vida.

Quando penetrámos, no templo
resplendente da Imprensa, não se
nos deslumbrou os olhos, os As-
tros que em claridade plena, se
engastavam em lapidadas pedra-
rias, levantando altares refulgen-
tes ao Sublime. Fomos margean-
do por entre urzes, ceus negre-
gados, neve eterna, até que um
dia attingimos o fim do nosso pri-
meiro estadio. Novo horizonte,
amplissimo, imponderavel, nos

apresenta agora; o nosso subli-
me esforço teve algumas palmas
d'esse loiro, que nas festas olympi-
cas era conquistado, quanta vez!,
a custa do escorrer sangue de
cadaveres moendo cadaveres!...

Ascender ao azul do Arte e lá
cravar com a espada que nos ar-
ma, um Astro que brilha im-
maculo e immorreidoiro—seria o
nosso ideal.

Mas ainda é longe, é muito lon-
ge esse Terraço Cele-te que abre
os braços aos argonautos do So-
nho, lá repoisam as nymphas
que banham se em crystaes li-
quifeitos, lá dormem as ondinas
que carregam, no dorso, os so-
nhadores pelo mar a fora.

**

Emfim—ha um anno que luct-
amos, porque luctar é viver.

Ausencia

A Andreilino Assis

Nunca pensei—mulher—que nesta idade
Em que devêra-me sorrir a vida
Viesse tão cedo me ferir querida
A dor cruel da languida saudade...

Dor que não posso descrever—deidade
Ancia pungente, magua indefinida
Esta que impõe a tua ausencia doida,
Esta que sinto e que morrer não hade!

Em tudo leio que estas longe—amada!
Da noite escura ao brilho da alvorada
Tudo me falla em ancias perennaes!

E quando á tarde rugé a ventania
Eu ouço de meu leito de agonia
Dizer-me o vento que não volta mais!

ARISTEO SEIXAS.

Ella e Elle

A. A. P. DE ALMEIDA

Quanto contraste entre Elle e Ella
Ella feliz na sala valsando...
Todos invejam essa donzella
Quando os cabellos solta brilhando...
Quanto contraste entre Elle e Ella,

O seu amado esse anjo querido
Do coração, no templo tão bello
Vae-lhe rendendo culto. O vestido
Azul escuro prende esse Othello.
O seu amado esse anjo querido.

Todos na sala estão a querel-a
E vão cercando-a de mil cuidados
Como que dizem cercam a estrella
Milhões de anjinhos, loiros, alado...
Todos na sala estão a querel a.

O seu cabelo, loiro, esvoaça,
Por sobre aquelles, que estão a vel-a
E, revolvendo a multidão, passa.
Como no céu, os brilhos da estrella
O seu cabelo, loiro, esvoaça

O seu pesinho calça o sapato
Que os gregos (dizem) que para Venus
Fizeram todos com aparato
Que para Juno tiriam menos...
O seu pesinho calça o sapato.

Na mão nevada.—setinea luva
Que mil arranjos sobre a pelica
Fizeram negra qual negra uva,
Calça a mulher, tão loira, tão rica...
Na mão nevada.—setinea luva.

Elle, poeta pallido, scisma
Na sua alcova, tão muda e escura.
E diante a doença sua alma alysmá
Alma de amor que foi muito pura...
Elle, poeta pallido, scisma,

Emquanto Ella na sala walsa
Lançando as chammas bem incendidas
Soltando os loiros cabellos, falsa...
Elle poeta chóra as feridas
Emquanto Ella na sala walsa.

3-7-1900.

ANDRELINO ASSIS

O Anjo do deserto

Lá em um canto remoto do mundo, isolado de todos, vivia um pobre velhinho. Guiava, o penar a aquella alma—encarquilhada e benta,—um anjinho, que apenas contava dez primavéras. Era a unica e mimosa dadiva que lhe havia feito no momento de expirar sua unica filha. Crês-cera o anjinho como os lyrios do

campo tendo somente por amigas as florinhas silvestres e por brincos as borboletas que voavam nos matagaes, Como o lyrio, silencioso e bello assim vivia ella entre as florinhas do campo. Sua vida era como a da estrella—modesta e sem esperanças vivia alegre e só, como uma nuvem em céu de Agosto, ficava triste e palida quando o—papá gemia. Uma noite o vento forte ullulava nas fendas da cabana do velho, as arvores quasi tombavam ao chão, e o ceu era de carvão. As estrellas fugiam chorando do firmamento e as cacheiras rebentavam borbotões monotonos e compassados

O anjo do deserto acordou-se aterrorizado. Levantou-se de mansinho com um vestidinho azul, e de joelho abraçou-se ao collo do papá. Elle porem gelado e frio não vivia. Mas o anjo do deserto ficou para sempre entre as florinhas do campo. A morte o arebatará num gemer do trovão.

D. JOANNA DE ALMEIDA

1-10-900

Mont Serrat

Depois de ter gosado algum tempo da bella praia do José Me-nino, de onde descortina-se um vasto horizonte: espectáculo encantador, que aqui se vê um navio demandando a vastidão undosa, ali botes pescando, escaleres e depois de irmos ver a'en rada do porto, a fortaleza, os canhões de campanha do outro lado, fomos ao Mont Serrat, donde a vista perde-se pelo mar afora...

E' um panorama, cuja belleza não pode ser vasadas nos moldes de nossa penna, por demais fragil para traçar os quadros vivos que se nos depara: ali o mar levantando no dorso navios enormes, atraz o verde continuo das plantações. Para ahi chegarmos, atravessamos Santos, que dista da praia cerca 3 kilometros e da rua Itororó iniciamos a subida do monte. E' muito ingreme, tanto que existem degraus no caminho para ser vencido, e além disso é

cheio de curvas, que abrandam a verticalidade da subida.

Diversas casinhas, bordam o caminho. e nessas risonhas e toscas habitações vendem bebidas e etc. Chegamos finalmente ao termo da jornada. e nos achamos num pequeno plano, onde está erecta uma capella, dedicada á N. S. do Mont Serrat, que attraí para lá, principalmente aos domingos e feriados, grande numero de individuos. além desses arrastados pelo espirito religioso, muitos outros visitantes vão aquelle pittoresco lugar levados pela vista encantadora e deslumbrante. Fiquei extasiada, quando contemplei um horizonte infinito, parecendo ter sob meus pés a cidade de Santos, que avista se em todos as suas minudencias. Des-crimina-se as ruas, todas as praças, o cemiterio, a bahia, canaes e duas grandes Avenidas bem macadamizadas até a praia, onde moramos. Além d'isto avista-se o oceano, como espelho interminavel, reflectindo o azul de abobada celeste.

Quão admiraveis são os arcanos da Providencia e como fico extasiada ante a belleza indefinivel da Natureza!

No Mont Serrat, estão estabelecidos os signaes maritimos, e portanto tive o prazer de observar com um pequeno telescopio o infinito do oceano.

* * *

Podéria, meus caros André e Alfredo, com maior minudencia descrever outros passeios, como a ilha balnearia do Guarujá, onde as cazas artisticas, os jardins floridos, parece um lugar mais ideal do que a realidade, parece uma dessas sonhadas habitações de Fadas. Suas alamedas, seus parques, o grande hotel da empresa, e em frente o mar impetuoso quebrando rugindo as ondas incessantes, completam o esboço dessa ilha, já um tanto conhecida. A praia do Guarujá distancia em belleza qualquer outra praia de Santos e mesmo do Estado de S. Paulo,

Como não tenho tempo, e nem habilidade para fazer as longas e perfeitas descripções, apenas es

boço essa subida escabroza mas ao mesmo tempo attrahente. em homenagem ao anniversario do IRIS. e como lembrança a Vós e do vosso jornal, Desejo que elle na espinhosa estrada do progresso. não desamine e continue na carreira mascula é rútila do Jornal. Avante pois.

RITA FAUSTINA

Praia José Menino, 22—10 1900

Esperança ainda

A' M...

—Cerram-se as portas do destino!

Cadenciadamente cahe o panno no scenário da vida e na platéa das dessilusões vê-se um jovem que chora commovido.

Os espectadores em vózerio. commentam a triste e ultima scena que emocionou a todos os corações. Já se retiram vagorosamente, e só aquelle joven, tocado de uma dôr immensa, se vae deixando flear, hirto e pallido como a estatua da morte!

E sem articular palavra, mas, absorto em meditações profundas em recordações tão doces que n'aquelle momento lhe confrangiam a alma, ergue-se cadaveriço, mas, resolutu, e pela vez ultima, levado por impulso sobrenatural, tenta ver ainda a protogonista d'esse drama que lhe sangrou o coração na extrema dôr!...

Com as mãos gelidas e tremulas ergue um lado do panno e olha para o scenario do mundo, mas... o que vê?

—Que horror, meu Deus!

Vê estender-se diante d'elle a immensidade de um deserto, a grandeza do nada que o faz pequenino e humilde! ..

Tremeu diante do vacuo, o espirito se lhe fugiu e... eil-o que tomba em syncope com pallidez de morte!

E, quando voltando á realidade, descerrou as palpebras, viu-se de joelhos no limiar de um velho

convento, a pedir ao Deus omnipotente e justiceiro, a restituição de sua felicidade, a restituição de sua propria vida enclausurada n'aquelle tumulto enorme cujos corredores, sombrios e moliferos são toda a liberdade de sua alma errante e triste...

—Ali, a esteridade do deserto...

—Aqui a solidão e a dôr...

E o anjo do Senhor, descendo do infinito, lhe disséra:

«Alma pura, Deus ouve tuas preces o far-te-ha justiça!»

Duas lagrimas rolaram por sobre as faces macilentas e aquelle infeliz, que fitando o céu exclamára:

—Oh! meu Deus como é bella a esperança!

—Cerram-se as portas do destino! Mas, nunca as do amôr sublime, sempre abertas ás esperanças que se aninham no fundo de um coração sincero!

J. PAULINO

15—10—1900

Illusões

Ao Julio Prestes

Viviam dois pombinhos sobre o galho,
Da floresta á mais alta perôbeira
E as gottas meigas, tremulas de orvalho
Beijavam a folhagem altaneira.

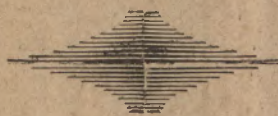
E passavam a vida sem trabalho,
Sem afflicção, sem dor e sem canceira,
Mas elle partiu, e foi por invio atalho,
Entre os prantos da meiga companheira.

E voou, e voou, passaram dias,
E quando elle chegou das serranias,
De um mocho só então, se ouvia o pio.

Assim as illusões partiram cedo,
Do coração, agora, qual rochedo,
Acharam, duro, esteril e vasio!..

Alfredo. E. P. Assis

1900 S. Paulo



Luiz XVI no patibulo

A multidão, entre ameaças e phrases entrecortadas,

Espera o rei subir como quem agoniza,
E em quanto o real martyr lento os degraus piza,

A soldadesca infrene de baionetas caladas

Retem a turba immensa que das ruas destiza

De faces pelo excesso pallidas empoeiradas

Repletas de amarguras, boccas esfajmadas

Como um bando de lobos que a preza pesquiza

O rei sôbe calmo no entanto o coude falso

Procura reprimir a vóz da consciencia

Que mais condemna-o inda ao pé do cadafalso.

A turba ancêa e treme e a dor erma comprime

E vendo espadanar o sangue da innocência

Começa a acreditar que praticou um crime.

EUGENIO MONTEIRO

São Vicente 1900

A minha felicidade

La solitude ramène en
partie l'homme au bonheur
naturel, en éloignant
de lui le malheur social.

Elle rit ablit aussi bien
les harmonies du corps
que celles de l'âme.

B. DE SAINT PIERRE

«Les plus divins accords
que montant de la terre
Sont les élans muets de
l'âme solitaire,

Que le vent même n'entend pas.»

LAMARTINE

«Tout notre mal vient
de nepouvoir être seuls.»

LA BRYERE

Sou feliz... A minha felicidade é aos olhos do mundo uma loucura, mas não deixa de ser o que minhâ alma sempre sonhou.

Ao facto do mundo não a comprehender devo o julgal-a tão elevada, porque em tudo a sociedade adopta a maior somma de males do que de bens e a minha felicidade é a do sonhador exilado dos prazeres mundanos e completamente entregue ao doce gozar de sua solidão. Não foi certamente a ella que alludio Balzac quando disse: *le bonheur tue le poëta.*» Justamente para destruir os perniciosos effeitos do pseudo felicidade que os homens ambicionam, nasceu ella porque nada haveria de bom na sociedade se não fosse as trevas da vida material, contrabalançadas pela rubida luz da imaginação.

E esta ideal felicidade conduz-me de facto a gozos que eu nunca pude avaliar, embora sempre os desejasse quando meu espirito ainda embryonario fazia concepções estranhas numa vaga intuição do desconhecido; faz-me erguer bem alto o vôo da imaginação de que é producto, e vivifica extraordinariamente as faculdades affectivas de minh'alma trazendo-me com as suas caricias um balsamo consolador para as feridas ainda recentes, em primeira viagem causadas ao inesperto marinheiro. Entretanto, traz-me ella um aspecto melancolico que á primeira vista parece devera ser-lhe antogonico. Mas essa que para outros é mortifera (1), é, por assim dizer, o caracteristico do meu gozar, porque a felicidade de que me acho possuido não se harmonisa com a alegria (2) O amor em suas manifestações mais puras circunda a minha felicidade. A contemplar o meu ideal passo horas agradabellissimas, momentos verdadeiramente felizes, em que nada sinto a perturbar os meus sonhos. Esse culto que ardentemente presto a doce illusão é o mais ardente e sincero que é possivel imaginar-se. Para dar-lhe o aspecto que elle é em sua essencia—uma religião sacrosantissima— para tornal-o visivel aos que se riem da minha crença colloquei num altar a santa Elzira— a unica digna de representar na terra o meu ideal. Ella não ama-me mas em nada se pode modificar minh'alma; porque ao seu desprezo eu responderia

com Voltaire: *c'este moi qui te doi tout puisq'ue c'est moi qui l'ame,* como si ella em vez do envulcro, fosse a essencia dos meus sonhos.

A minha felicidade não consiste nos sentimentos que inspiro, os quaes só poderiam affectar-me a vaidade, mas aos que recebem de minh'alma a vida, e que, apesar do desprezo de Elzira, chegarão sempre aos pés da divindade. Inveja-me, pois, mortaes, vós que de mim vos rides sem a comprehensão exacta da minha felicidade ou continua a consideral-a uma laucura, que por isso não deixará ella de erguer-se acima de vossas miserias no meu coração de artista!

E entre as humidas paredes do carcere em que me collocastes. no turbilhonar do mundo, continuarei sempre a dizer que *sou feliz.*

AMERICO MOURA

(1) «...melancolia venenosa e occulta, que a passos appressados conduz o triste a morte.

A tristitia festinat mors.»

A. VIEIRA

(2) «A melancolia é o prazer de Deus. Pode-se estar alegre quando se ama?»

BOERNER

DULCE

A Alfredo Assis

Dulce, a encantadora Dulce, tinha no azul celestial dos olhos um não sei que de melancolia, que lembrava uma santa esquecida nos arroubos de suas mysticas contemplações.

Aquelle rosto alvo, os ondillavos cabellos cahindo em catadupas sobre o collo de uma carnação leitosa e avelludada, as faces coradas, os labios carminados, toda aquella aurora—as vezes sorria quando scismava sosinha.

Mas não era esse sorrir da sua idade que derrama a essencia pre-

ciosa e limpida da alegria; era tão triste o seu sorriso...

Todas as tardes Dulce apparecia á janella de seu quarto que dava para o mar, e ali ficava como que em extase com os olhos embebidos no rubido poente.

Scismava. Os seus pensamentos talvez fossem tão tristes como os pallidos clarões do moribundo sol baixando á luminosa catacumba.

Elles talvez encerrassem os mysterios do oceano; o seu companheiro, o unico confidente de suas magoas.

D'antes, ella comprazia-se em admirar os eucantos da natureza agora contempla tudo com profunda melancolia procurando os lugares solitarios para pensar nesses dias de felicidade, nessas illuções, nessas esperanças, nesse amor que nutria o seu ingenuo coração.

As tardes e sobretudo ás noites de luar que ella passava entregue a profundas meditações, tiravam-lhe o brilho aos olhos, descoravam-lhe o rosto, imprimindo-lhe a eterna pallidez do marmore, a frieza da estatua.

E assim aos poucos ia se extinguindo esse anjo de Milton, alimentando a esperanza de um dia revelar ao seu tumulto o mal que seu peito encerrava.

N'uma rosada tarde de Maio, morrera Dulce como a pombinha que desprende o voo sumindo-se no azul do espaço, a alma dessa virgem arrebatada pelas azas do anjo da morte, sumiu-se nas ethereas regiões do ignoto.

E Dulce, a encantadora Dulce, que tinha no azul celestial dos olhos um não sei que de melancolia, nunca mais appareceu á janella de seu quarto para contemplar o oceano, o seu companheiro, o unico confidente de suas magoas.

RAUL DE FREITAS

S. Paulo, Abril de 99



A' Virgem*A Nogueira de Sá*

Tu, a quem não ousou ferir o anthemismo,
Tu, que surgiste em sombra e nos mostraste
Jo dia,
Mais pelo coração, do que pelo deismo,
Mãe innocente e o amor tu tens com alma

Implo-ro-te que no ceo, cantes qual neste
Abysmo
Amo te porque já tens lugar no céo, Maria,
Porque o sangue de Christo foi o teu
baptismo,
Se choraste foi para reinares um dia.

Eis-te sentada juncto de Deus soberano;
Por ti clama de joelhos o genero humano;
— E' de luzes teu sceptro, a corôa de flores.

Tudo se curva á flamma e ao nome teu,
Maria,
Todos te cantam. . . qual a mulher todavia,
Que pela mesma gloria teria tuas dores?

ANDRELINO ASSIS

Trad

A' Amalia.

A vez primeira, que te vi dançando,
Meu peito ardente suspirou por ti.
Teu doce nome não me sahe dos labios,
Desde o momento em que te conheci.

Dentre as deidades, seductoras, meigas,
Que a quella noite festival eu vi,
Só tu brilhavas, refulgente Astro,
Bemdigo a hora em que ti conheci

No brilho intenso dos teus olhos negros,
Leios os protestos do mais santo amor,
Tu és a rosa que se expande altiva,
Eu sou orvalho que alimenta a flor.

A roza—dahlia, a borboleta abrio
Nas pet'las rubras, vi teu nome, oh/
flor,
Fremente, lesto, o concheguei aos labios
Louco, perdido, murmurando: amor,

Teu nome é doce como riso limpido,
Que se desprende da rosa em botão,
Quanta ternura e singular magia
Ao proferil-o,—Rosa do Japão.

Baependy, 1900.

JULIO REZENDE

Que é o amor?*Aos Crentes*

Vós que seguis a longa romania.
Que a Cupido dirige com ardor,
Vós que trazeis o emblema da esperança,
Digam-me oh crentes que será o amor.

Uns dirão—é a briza cic ando,
Pela camelia de gentil pallôr,
Outros dirão—de matutino orvalho,
Gotta suspensa ao calice, da flor!

Dizendo isto, elles criam mil phantasmas,
Visões bemdictas, divinaes chimeras.
E elles então nesse ideal noivado.
Sonham p'ra si milhões de primaveras.

E todos crêem no amor bem puro e casto,
Todo dizem as mesmas phrases ditas,
E abrigam nos peitos illusões,
Chimeras divinaes, visões bemdictas.

Então cantam o amor, esse Ideal,
Nascido numa noite enluarada.
Ao perfume das rosas tropicaes.
Com mel de beijos, da mulher amada.

Então crearam logo um deus Cupido,
Com os olhos vendados como emblema,
Dessa chimera inutil desprezada,
Chamada por alguém o *velho-thema*.

Fizeram Sapho as aguas se' atirando,
Fizeram Julieta e mil Romeus,
E crearam chimericos phantasmas,
E fizeram do amor Cupido o deus.

O amor é a taça inesgotavel,
Rubra e quente de uns labios de muther,
E' o vaso do céu que Deus distilla,
A rosa, o lyrio, lindo o malmequer.

Assim dirão alguns fortes e crentes,
Seguindo desse amor a romaria,
E vão por esse mundo de illusões,
Mas isso acaba voltaram um dia.

E aquelles corações virgem e puros,
Que já seguiram longa a romaria,
Assim voltaram então dizendo,
Não ha amor o amor é umá utopia.

ALFREDO E. P. ASSIS

S. Paulo 1900

**Spiritismo**

Disse, e muito bem, o celebre naturalista suisso Agassiz que ao apparecer um conhecimento scientifico, ao formar-se uma sciencia até então desconhecida surge logo a exclamação unanime: *E' impossible*; com o desenvolvimento da sciencia vem a segunda exclamação: *E' contra a religião*; finalmente quando a evidencia impõe a aceitação dos homens em prol da nova sciencia todos gritam *uma voce: Ha muito tempo já se sabia isso* Eis o que aconteceu com a astronomia, com a chimica etc; eis o que está acontecendo com o spiritismo e com o occultismo em geral. Quanto ao spiritismo, affirmo que modernamente não ha pensador, não ha sabio que estudando profundamente o spiritismo, ouse contestar, não digo a existencia dos espiritos, mas a realidade dos phenomenos, não ha, repito, pensador sensato, que ante os maravilhosos e esmagadores phenomenos spiritas ouse adiantar que ha nelles charlatanismo, engan ou especulação.

Ha muitos homens, entre os quaes eu fui um delles, que negam systematicamente o spiritismo sem se darem ao trabalho de estudalo, de observar com a rigorosa e imparcial critica da sciencia as seus diversos phenomenos que triumphalmente em sido rigorosamente estudados todos em todos os centros civilizados pelos representantes da sciencia como sejam W. Crookes, Paul Gibier, Lombroso, Mesokof, etc. Mas a negação systematica dos phenomenos spiritas nada mais mostram que ignorancia obstinada ou materialismo pedantesco. Neste fim de seculo é *de bom tom*, na mocidade especialmente, professar-se ao menos exteriormente. O mais sordido materialismo, cora-se de fallar em Deus e na immortalidade da Alma, porque teme-se a chocata d'aquelles que receberam uma instrucção perfunctoria de physiologia e de biologia e que tomam por verdadeiro justamente o que está por demonstrar, e que prova simplesmente a estreiteza do raciocinio e a falta de pesquisas e de estudos profundos por

parte dessas pessoas. Para elles, é impossivel tudo o que não sabem, tudo o que não comprehendem, tudo enfim o que não se ajusta exactamente no estreito quadro de seus conhecimentos.

Uma reacção, porem, se está operando no mundo scientifico, o materialismo com todos os seus matizes cae em ruinas e o spiritismo tem feito progressos aterra-dores (para os apostolas da Ma-teria) entre as classes selectas dos sabios na França, na Allemanha, na Inglaterra, nos Estados Unidos, na Italia, no Brasil, na Suissa, na Russia, e em todos os paizes onde se estuda. Não ha sabio (digo *sabio*) que negue a realidade dos phenomenos spiritas, ha muitos, isso sim, e entre outros Hartmann que procuram debalde dar outras causas a estes phenomenos, que não os spiritos, mas a verdade é que o spiritismo e em geral o occultismo encerram em si um vasto estudo para os homens de sciencia. Muitos já o estudaram e o defenderam tenazmente, como por exemplo Crooks, mas foram victi-mas das maiores invectivas por parte dos ignorantes do clero, e dos sabios systematicos; mas que importa? Galvani foi chamado, tanto pelo vulgo, como pelo proprios sabios do seu tempo «o mestre de dança das rans», mas descobriu uma das mais importantes verdades da physica. E outra não é a missão do sabio: *ardua valla-tur duris sapientia scrupis*.

Em todas as discussões que tenho tido a respeito do spiritismo, discussões estas em que sempre encontro adversario, eu sempre perguntei o que levam sempre a respeito do que discutem, o que tem visto, e sempre tenho descoberto que esses que se poem contra esta nova sciencia são justamente os ignorantes.

Terminando estas considerações desejo tirar um resultado. Todo aquelle, que ler este artigo despretencioso antes de se rir ou procurar criticar o auctor, estude o que se tem escripto sobre essa sciencia: o spiritismo, e até, se for possivel, assistir á algumas secções serias e depois, illustrado o espirito com estudo e observa-

ção, venha dizer-me si tenho ou não razão.

ANTONIO CALDAS

S. Paulo, 1900

Chronica

Faz hoje um anno, que de mez em mez, rabisco estas linhas para O IRIS. E hoje para iniciar a minha pallida Chronica, onde tenho escarpellado muitos assumptos trago minhas saudacões á O IRIS que hoje já um rapazito gorducho apparece na arena do jornal, com um aspecto mais mimoso, mais so-lido do que quando nasceu, fragil e inexperiente. E' sempre um facto mais ou menos memoravel, quando uma folha litteraria, escripta por principiantes, completa um anno, por que quer dizer que já venceu inumeras difficuldades e já triumphou de mil obstaculos...

No nosso meio, no Brasil em geral, a litteratura é como que posta de lado, e vemos que as epochas litterarias, são como facho-lhos luminosos de um relampago em noite trevosa. Não ha clari-dade, não ha o brilhar continuo, apparece, com meteoro cosmico, de tempos em tempos, mais neste caso, sem previsão, sem leis. E' ao redor de um vulto que se desenrola o scenario das Lettras. E quando surge alguém bradando para ser attendido, ha o desemba-chos de adagos inimigos, e poucos auxiliam o recém-nado.

Um bravo! por conseguinte a O IRIS que completou o primeiro estadio de vida, que attingio o primeiro marco na longa Estrada do Porvir, que agora ab're-se-lhe extenso e amplo.

REPORTER

1—11—1900



Serena

Como era bella!...

Vi-a num baile, e como Tasso a Leonor, amei-a. Afinal estive em extasis a contemplal-a, bella como sonhos entuarados. Foi quando o baile, em turbilhão agitado, terminou. A sala silente, como que saciou-se... tudo estava escuro... Tinha sido sonho... Procurei-a, queria beijal-a, mas ella tiuha desaparecido...

Mais outra vez a sala encheu-se o baile recommçou... Vi-a de novo, com o vestido cor de rosa, fimbriado de vermelho...

Ah! louca Serena..

Olhei como fasciado porem ella a estrella de meu Firmamento nem reparou em mim e foi se.

Corri para buscá-la; passei ruas sombrias, florestas, montes, campinas... como louco corri...

Ah! alcancei-a. Quiz beijal-a.

Ah! terrivel desillusão: a Lua argentina, do céu illuminou uma scena horrivel, eu abraçava o cadaver de minha amada.

A. P. ALMEIDA

S. Paulo 1900

Perfis

Dr. João Coelho Gomes Ribeiro. Conhecido poeta e distincto advogado, do nosso foro. Collabora em «O Paiz» «Estado de S. Paulo» «Archivo Illustrado etc., etc. O IRIS tem publicado diversas poesias ineditas que muito illustra nossa folha.

Aristeo Seixas: Mimoso Eleito, residente em Campinas, onde com alguns Cavalleiros da Idea, derige «A Camelia». O IRIS orgulha-se de ter entre seus collaboradores, esse distincto poeta.

Americo Moura: Redigio o «Inicio» que teve grande fulguração. E' poeta inspirado e bom prosador.

Julio Rezende: Rabisca poesias á

uma pequena loira, que lhe queima o coração.

Antonio Cadas: Outro apaixonado por uma *futura normalista*, pelo seu artigo vemos que tem preparo.

Rita Faustina: Muito jovem ainda e já escreve regularmente.

D. Joanna Almeida: E' professora normalista. Já os leitores viram o Talento, desta escriptora que vae seguindo auspiciosamente.

Raul Freitas: Escreve phantasias. Pelo artiguinho «Dulce» revela-se um Catulle novato.

João Paulino: Academico de direito, dos mais distinctos. Sublime a phantasia que publicamos! O IRIS solicita ao illustre *causeur* a fineza de sempre illustrar com sua fidalga collaboração.

A. P. Almeida: Principiante, mas já tem bonitas produções. Redigirá brevemente «O Sereno» que tem poderosos colaboradores.

Eugenio Monteiro: Gracioso poeta, que tem futuro ridente. Já escreve bem. Reside em S. Vicente.

Orlando Góes: Rapaz talentoso. Ha tempo redigiu «A Perola». Já os leitores conhecem no IRIS produções do jovem poeta.

A um gatinho

Tem seus olhos um brilho rutilante,
Qual do oriente a esmeralda mais custosa
Gosa a estima de terna alma bondosa,
Sente effluvios de um collo palpitante,

As vezes de alegria radiante,
Desfructando essa vida deleitosa,
Ameigado por mão mui carinhosa,
Doce olhar illumina-lhe o semblante!

Se assim como *Mignon* feliz eu fôra,
Por mim tendo uma eterna defensora,
Em meio de delicias tautas, tantas...

Tudo então me sorrira como as flores,
Tudo me fora céo, tudo esplendores,
Tudo mui puro como precês santas!...

Orlando Goes

S. Paulo — 1899

A Violeta

As suas gentis redactoras

No «Iris», onde a mocidade pinta
Illusões, sonhos mortos, grandes dores,
Como hei eu de achar alegre tinta
Para pintar o encanto dessas flores!

A flor, de minha mocidade, extincta,
Não tem mais illusões nem mais amores
E amores e illusões busca faminta
Para apanhar de novo as mesmas cores.

Emtanto faço, faço o que tu queres:
Vou desfolhando brancos mal-me-queres,
E, amenizando as tintas da palheta.

Para em estylo vigoroso e terso
Prender na rima, enclausurar no verso
Saudações e applausos *A Violeta*.

J. P.

Gazetinha

No soneto «Esperança» os versos 4, 5 e 13 devem ser respectivamente substituidos por:

— Que a vida se me torna fugidia.
— Quando vejo na abobada do dia.
— Em, que choro, medito, penso,
scismo.

No soueto «Lagrimas» o verso 8º deve ser:

— Mui'alma eu sinto, e preces
nunca eu trouxe.

No fragamento de «Dona Aurora» o verso 6 deve ser:

Ha de as fezes da lua atirar as
montanhas...

Recebemos:

Officina Litteraria: folha graciosamente redactada, pelas mais brilhantes petuas paraenses de Belém.

A Violeta: Perfumando agradavelmente a nossa meza, chegamos, essa esplendida revista de Letras, dirigida com proficiencia e galhardias pelas gentis señoritas Corina Cacapava, Dolores de Camargo e Francisca Nogueira. Vem recheiada por bellas phantasias e etc. Publica-se em Itapetininga.

A Sertaneja: Outra mimosa re-

vista de Itapetininga, cheia de artigos de merito.

O Progresso: Revista do Club Gonçalves Dias. Bem feita e dirigida com maestrias, desta Capital.

A Sapucaia: de Sapucaia.

Do *Eden Club*, recebemos um cartão convite para a *Academia de Dança* do Prof. Levato. Gratos.

Sabem s que brevemente apparecerá *O Sereno*, folha litteraria, nesta capital.

No proximo numero publicaremos de novo a «Galeria Contemporanea», o que não fazemos por falta de espaço.

De um nosso collaborador que assigna J. F., iniciaes que encobrem ou por outra denunciam um dos nossos intelligente bardos, recebemos um soneto em homenagem a esplendida revista «Violeta» que publicamos.

O ultimo numero da «Ondina» a mimo a revista dos Snrs. Alberto e Octaviano Alves, estampa o retrato do fidalgo poeta Alphonsus de Guimaraens. Gratos pelo exemplar que recebemos.

Da Cidade de Castro Alves (Bahia). acabamos de receber o primeiro numero da «Verdade» folha litteraria. Desejamos longa vida ao preclaro collega.

De Santos recebemos o numero 5 da «Escola» revista do Collegio Carlos Barlet. Bem impressa e bem derigida.

Apperecerá brevemente nesta capital *A Esmeralda*, folha litteraria.

SAUDADES

A minha mãe

Como está triste a minha casa agora,
Sem ruído nenhum, monotoná e sem vida
Depois da noite a luz da linda e branca aurora,
Não tem a mesma graça e nem é tão querida,

Para passar-se o dia, aqui quando demora,
E a noite é sempre aquella, triste e aborrecida
Pelos meus pobres prantos conto hora por hora,
Esta saudade immensa, triste e dolorida!

E a tarde quando o sol descanha atraz do monte,
Eu fico contemplando o intérmino horisonte,
Mandando-vos beijos que o vento ha de levar

E quando a noite cae com ella uma tristesa,
Invade este meu ser com tétrica asperesa,
Fico em minha alcova de saudade a chorar.

ALFREDO E. P. ASSIS

Setembro de 1900

CREPUSCULAR

A. Andrelino Assis

Nos braços do lethargo
a frouxa luz,
Do sol que morre—dor-
me a natureza!
E as rolas pelas moitas
dos bambús,
Arrulam doces cantos de
tristeza!
E o caboclo que leva
os filhos nus,
Do Amazonas á rija cor-
rentesa,
Penetrando a floresta
em mudo assombro
A um tempo pela mão traz
outro ao hombro!

MELLO MORAES

Amigo era á tardinha,
O sol frouxo morria
Na crista pardacenta,
Da longa serrania,

As nuvens lentamente
Marchavam sem parar,
E o rio condusia,
Suas aguas para o mar.

E mãe, e pai, e filho,
Trihavam para o lar.
Em busca do descanso,
Após o trabalhar.

Nas mattas enredadas
Ouvia se o cantar
Dos passaros que alegres
Repoiso iam buscar

E era já tardinha
E o sol frouxo morria
Na crista pardacenta,
Da longa serrania.

ANTONIO PAULINO

O verso é tudo, tudo pode. Pode traduzir os mais secretos movimentos da sensibilidade humana e revelar, pelo som de uma, syllaba, as mais profundas analogias; pode definir o indefinível e exprimir o inexprimível; pode abraçar o illimitado e sondar o abysmo, pode transpor os limites do ser, descer ás proprias fontes da vida pode embriagar como vinho, arroubar como o extasis; pode possuir, ao mesmo tempo, nossa alma e nosso corpo; pode emfim attingir ao Absoluto. Annunzio.

Tua mãosinha

A Julio de Rezende

Tua mãosinha, muita vez, afago,
Óh! quando tu me vaes a minha apertas,
E então minh'alma tem manhãs incertas,
Quando me lanças—teu olhar tão vago.

Que mão perfeita! Um bloco enregelado,
No qual um escultor audaz quizesse
Modelar tua mão,—que me falece,
Para contar, engenho, modelado

Jamais seria.—Em tenebro mutismo,
Vae essa mão cruel mé abrindo o abysmo
Em que cahio Hamlet de Shakeaspeare.

Tua mãosinha, de ideal brancura,
Traz—me prezo em cruenta jetattura;
Que procura quebrar sem conseguir.

25—4—1900.

ANDRELINO ASSIS

Suspiros de Virgem

Pallida de amor, de
amor somente.—

COELHO NETTO

A's Minhas Irmãs

Amôr! eterna contilena de todas as coizas, liquido fugace—subtillissimo—que o magico poder—que a imaginação fecunda—que a phantasia tão variada como a vadias nuvens que velejam no amplo azul que o creador dotou das mais extravagantes e controversas propriedades. Ora um chacal—um desses homens cuja alma é semelhante a um lago onde revolvem se milhões de asquerosos reptís, que mais se assemelham a um exemplar dos bestiaes habitantes das cavernas—esses terriveis lobos—cujas ossadas gigantesces, que branquejam num gargallar medonho em fundos rasgos que o homem abre a terra, de envolta com esqueleto humano, um homem que é

